



**INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
PERNAMBUCO**

**INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO - *CAMPUS* BELO JARDIM  
DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL  
LICENCIATURA EM MÚSICA**

**RENILDA HEMETÉRIO CARDOZO**

**EU CHEGO LÁ: memória e identificação na música de Marinês**

**BELO JARDIM – PE**

**2019**

RENILDA HEMETÉRIO CARDOZO

**EU CHEGO LÁ: memória e identificação na música de Marinês**

Relatório de recital apresentado ao Instituto Federal de Pernambuco Campus Belo Jardim como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Música com habilitação no instrumento canto.

Orientadores: Prof. Dr Juarez Nunes de Oliveira Júnior

Prof.<sup>a</sup> Esp. Maria Rejane Campelo Silva

Belo Jardim/PE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Biblioteca Prof. Elny Sampaio

C268e Cardozo, Renilda Hemetério.  
Eu chego lá : memória e identificação na música de Marinês /  
Renilda Hemetério Cardozo. – 2019.  
19 f. : il.

Orientadores: Prof. Dr. Juarez Nunes de Oliveira Júnior,  
Prof.<sup>a</sup> Esp. Maria Rejane Campelo Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Licenciatura em  
Música) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de  
Pernambuco, Campus Belo Jardim, 2019.

1. Música popular – Brasil, Nordeste. 2. Música popular – Brasil.  
3. Memória coletiva – Música. 4. Cultura popular – Música.  
5. Cantoras – Brasil, Nordeste. 6. Marinês, 1935-2007.  
I. Oliveira Júnior, Juarez Nunes de. II. Silva, Maria Rejane Campelo.  
III. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco.  
IV. Título.

CDD 781.63081

RENILDA HEMETÉRIO CARDOZO

**EU CHEGO LÁ: memória e identificação na música de marinês**

Trabalho aprovado. Belo Jardim, 10 de setembro de 2019.

Maria Rejane Campelo Silva

Professora Orientadora

Juarez Nunes de Oliveira Júnior

Professor Orientador

Robson Rodrigues Ribeiro

Examinador Interno

Lúcia Ferreira Lirbório

Examinadora Externa

Belo Jardim

2019

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar algumas obras da cantora e compositora nordestina Marinês, a partir de estudos que abordam o conceito de memória afetiva e memória coletiva, bem como o conceito de identidade e identificação. Para isso, a teoria Halbwachsiana foi resenhada com a finalidade de compreender a relação existente entre o conceito de memória e a influência de Marinês em minha formação como artista, como também analisar, através do conceito de memória, a influência de Marinês em minha formação como cantora forrozeira, tendo como aporte as teorias de Maurice Halbwachs e Stuart Hall trazendo o conceito de identificação. Para discutir o conceito de identificação, foi utilizada a teoria Halliana. A metodologia utilizada, no que diz respeito à abordagem, seguiu os preceitos da pesquisa qualitativa, enquanto aos procedimentos adotados, esta pesquisa foi guiada seguindo os moldes dos princípios bibliográficos. O *corpus* selecionado para este artigo, compõe o repertório apresentado também em formato de recital. Na análise e discussão foi realizada a confrontação entre as músicas revisitadas e a teoria definida. Por fim, espera-se que este trabalho venha agregar aos estudos referentes às pesquisas que abordem memória afetiva, memória coletiva, identidade, identificação e música popular brasileira.

Palavras-chave: Marinês. Memória. Identificação. Música Nordestina brasileira.

## **ABSTRACT**

This research aimed to analyze some works of the northeastern singer and composer Marinês, from studies that approach the concept of affective memory and collective memory, as well as the concept of identity and identification. For this, the Halbwachsian theory was reviewed in order to understand the relationship between the concept of memory and the influence of Marinês in my formation as an artist, as well as to analyze, through the concept of memory, the influence of Marinês in my formation as forrozeira singer, based on the theories of Maurice Halbwachs and Stuart Hall bringing the concept of identification. To discuss the concept of identification, Hallian theory was used. The methodology used, with regard to the approach, followed the precepts of qualitative research, while the procedures adopted, this research was guided along the lines of bibliographic principles. The corpus selected for this article, composes the repertoire presented also in recital format. In the analysis and discussion, there was a confrontation between the revisited songs and the defined theory. Finally, it is expected that this work will add to studies related to research that address affective memory, collective memory, identity, identification and Brazilian popular music

Keywords: Marinês. Memory. Identification. Brazilian Northeastern music.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 MEMÓRIA E IDENTIFICAÇÃO.....	9
3 REPERTÓRIO DO RECITAL.....	11
4 DISCUSSÃO E ANÁLISE .....	14
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	17
REFERÊNCIAS .....	18

## 1 INTRODUÇÃO

O Nordeste brasileiro foi e continua sendo um celeiro de artistas que enriquecem e engrandecem a sua cultura nos seus mais variados gêneros musicais. É também um berço de artistas que se tornaram ícones do cancioneiro popular, como Luíz Gonzaga, Dominginhos, Jackson do Pandeiro, Jacinto Silva entre outros. Um desses ícones é Inês Caetano de Oliveira, mais conhecida como Marinês.

A cantora nasceu no alto da serra Paquivira, no município de São Vicente Ferrer, no estado de Pernambuco. Filha de Manoel Caetano, descendente de índios cariris, e de Josefa Maria (conhecida como Donzinha), dona de casa e ajudante de seu pai na fabricação caseira de armas. Marinês tinha apenas quatro anos de idade quando se mudaram para a Paraíba, instalando-se na cidade de Campina Grande, no Bairro da Liberdade.

O seu contato com a música se deu através dos alto falantes e megafones situados no mesmo bairro. Ainda na infância, em 1943, ela mesma solta a sua voz pela primeira vez no serviço de alto falante da difusora “A Voz da Democracia”. Interpretando um gênero musical romântico, a pequena Marinês foi aplaudida pelo público posicionado em frente à rádio, a menina conquistou o primeiro lugar do concurso musical.

Após alguns anos se apresentando, é contratada também como locutora de rádio e inicia definitivamente sua carreira musical. No prefácio do livro “Marinês Canta a Paraíba”, escrito por Noaldo Ribeiro, ao falar sobre o início da carreira como cantora após sua chegada à Campina Grande, a própria Marinês revela: “Foi lá que descobri minha sina. Tal como um pássaro, precisava cantar, de cantar” (RIBEIRO, 2005, p. 5).

Ao investigar a trajetória desta artista, percebo que Marinês esteve inserida na realidade de sua época, tendo que impor seu talento a toda prova. Eu vejo que pesquisar a artista Marinês, mulher de coragem que abriu espaço para as vozes femininas na música nordestina, é enveredar-se por caminhos de uma personagem dotada de talento, que fez da sua arte umabandeirae o seu escudo principal, para imunizar-se das adversidades enquanto construía sua história.

Ribeiro (RIBEIRO, 2005, p. 5) afirma ainda que “o seu talento logo foi descoberto pela Rádio Borborema, que tratou logo de contratá-la, época em que as rádios, através dos seus programas de auditório, projetavam seus artistas”. Com apenas 14 anos de idade, ela conheceu o sanfoneiro Abdias e os dois contraíram o matrimônio. Daí por diante, os dois se enveredaram pelos caminhos da vida artística, rodando léguas e léguas pelo interior brasileiro até chegarem as paradas de sucesso. Em 1957 eles montaram o grupo “Marinês e

Sua Gente”, formado por ela (vocal e triângulo), Abdias de Taperoá (sanfona) e Cacau (zabumba).

Desta forma, pesquisar sobre uma artista como Marinês é uma oportunidade de ressaltar a importância da cultura popular/regional. Eu me considero uma artista que já vivenciou e vivencia uma trajetória musical cujo principal gênero é o forró. Foi ouvindo Marinês cantar que me fez não ter dúvidas do caminho musical a seguir.

Eu sou Renilda Cardozo e nasci no Sítio Quilimério, em Mimoso, no município de Pesqueira(PE). Meu pai, José Hemetério, mais conhecido por seu Zé do Norte, construía açudes, por isso nossa estadia nos lugares durava o tempo da construção. Eu vivi minha infância na cidade de Serra Talhada, sertão de Pernambuco. Minha adolescência foi vivenciada na cidade de Belo Jardim(PE).

Eu sempre sintonizava a rádio no programa do apresentador Ivan Bulhões, numa época em que, além de atuar na rádio, ele tinha também a caravana que se apresentava em Caruaru e região. Desta forma ele foi responsável pelo ingresso de vários artistas no mundo da música regional.

Na década de 80, migrei para a “Capital do forró” (Caruaru). E assim adentrei num espaço onde se ‘respirava forró’. Ao chegar a Caruaru, conheci o compositor Onildo Almeida (compositor da música “Feira de Caruaru”) e a poetisa Fátima Marcolino, filha do poeta Zé Marcolino (compositor da música “Sala de Reboco”), personagens importantes na minha caminhada forrozeira. Na década de 1990, eu comecei a fazer shows promovidos pelas emissoras de televisão locais e também pelas rádios locais, como em algumas casas noturnas da cidade e em confraternizações.

Meu primeiro contato com Marinês aconteceu em 2001 quando, ao ouvir uma música de minha autoria chamada “Pedaço de Chão”, a artista me ligou parabenizando e aprovando a composição. Fiz-lhe, então, o convite para a cantarmos juntas. Na ocasião, eu estava gravando meu quarto álbum no estúdio Som Max em Recife/PE, tendo na produção musical e na direção o cantor e compositor Marquinhos Maraial. Para minha surpresa, Marinês aceitou o convite para participar do meu disco.

FIGURA 1 - Renilda Cardozo e Marinês em estúdio



Fonte: Acervo pessoal (2001)

Estar com Marinês em um estúdio de gravação, ambas interpretando uma obra de minha autoria, foi mesmo um momento singular que sem sombra de dúvidas pontuou um momento importante na minha vida e na minha trajetória. Daí por diante, mantivemos contato por telefone ou nos encontrávamos quando ela vinha a Caruaru. Foi assim que os laços de amizade se estreitaram entre nós, e havia uma grande identificação na forma como gostávamos de cantar e de nos vestir nas apresentações e isso a animava, pois ela acreditava que sua obra poderia ter continuidade através de mim.

O modelo adotado para esta pesquisa teve como abordagem a pesquisa qualitativa que, segundo Marconi e Lakatos (2007, p. 8) “preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.”.

No que se refere aos procedimentos adotados pela pesquisa, utilizei os princípios bibliográficos. Assim, (FONSECA 2002, p. 32 apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.37) afirma que “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”.

Para coleta dos dados, utilizei a técnica de entrevista semiestruturada, que foi aplicada com familiares e artistas do convívio pessoal. O conteúdo dessas entrevistas foi utilizado para contribuir com os conceitos apresentados nesta pesquisa.

Posto isto, o objetivo deste trabalho foi analisar, através dos conceitos de memória e identificação, a influência de Marinês em minha formação como cantora forrozeira, tendo como aporte as teorias de Maurice Halbwachs e Stuart Hall. Para fins didáticos, este artigo está dividido em 3 (três) seções, nas quais apresento o referencial teórico (Memória e Identificação), logo após descrevo o repertório do recital, em seguida apresento uma discussão e análise das obras de Marinês e, por fim, concluo com as considerações finais.

## 2 MEMÓRIA E IDENTIFICAÇÃO

Quando falamos de memória, logo entendemos se tratar de algo que vivemos em algum momento de nossa vida e que constitui a nossa história. É a capacidade que temos de conservar as nossas experiências vividas individualmente e com outros, em determinada época e lugar. O primeiro teórico dentro das Ciências Humanas a falar sobre memória coletiva foi Maurice Halbwachs, cuja teoria foi significativa neste trabalho.

Em seu livro “A Memória Coletiva”, o autor apresenta duas categorias de memória: a individual e a coletiva. Sobre memória individual, o autor afirma que “o primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso”. Já sobre a memória coletiva, o autor escreve: [...] “temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 1990, p. 25-26). É como se estivéssemos diante de muitos testemunhos.

O autor acredita que, apesar de uma pessoa ter suas próprias lembranças, é importante que ela possa apoiar-se sobre o testemunho dos outros para “fortalecer ou debilitar, mas também para completar o que sabemos de um evento” (HALBWACHS, 1990, p. 25). Por mais pessoal que possa ser, a memória é construída coletivamente, existindo, assim, apenas duas testemunhas nesse processo: as pessoas do grupo no qual Marinês se encontra inserida e ela própria.

Halbwachs enfatiza que o indivíduo nunca está sozinho, pois mesmo vivendo os fatos de forma solitária, estes são percebidos como lembranças coletivas, ou seja, é a partir da memória coletiva que a memória individual se constrói. Para confirmar suas lembranças, a pessoa pode, sim, ter lembranças coletivas, seja quando rememora as leituras que a orientam num passeio, ou ao recordar-se das recomendações de amigos ou profissionais diversos, sobre algo a ser observado ou vivido, sem a necessidade de uma testemunha material (HALBWACHS, 1990, p. 27).

No entanto, é importante a constância nesse grupo para que se mantenham as lembranças dos acontecimentos vividos. “Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias” [...]. A lembrança precisa ser reconstruída sobre um fundamento comum, que são os dados presentes no nosso espírito e no dos outros, “o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade” (HALBWACHS, 1990, p. 34).

A memória também nos ajuda na reconstrução de fatos históricos por ser objeto da história, ou seja, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade”(LE GOFF 2013 apud LARA, 2016, p. 2), seja individual ou coletiva, esta se constitui numa busca fundamental tanto dos indivíduos quanto das sociedades de hoje.

Enquanto geradora da identidade, a memória pode ser vislumbrada como sendo participante de sua construção, uma vez que, a própria identidade de uma sociedade realiza certas seleções da memória, e ainda, dá forma às predisposições que vão conduzir o indivíduo a incorporar alguns aspectos particulares do passado (LARA, 2016, p. 2).

Para abordar o conceito de identidade (conjunto de caracteres que individualiza), utilizamos o conceito do teórico Stuart Hall, um dos principais autores a discutir o tema dentro dos Estudos Culturais. O mesmo tem sido contestado ao longo do tempo por vários autores, uma vez que sua definição não é única. Por isso, trataremos como identificação (coisas que são iguais), segundo propõe o mesmo autor. Segundo Hall, a identidade não é algo inato, não nasce com o indivíduo, mas sim, é algo que ele constrói através do tempo.

Em vez de falar identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto como um processo em plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p. 39).

Os eventos que vivemos com nossa família, os encontros, viagens, aniversários ou lutos marcam nossa história, criam vínculos e laços; nos reconhecemos ali, nos afirmamos enquanto indivíduos que têm uma história. Da mesma forma acontece na esfera social. Somos atraídos por aquilo que nos é familiar, pelos códigos que nos identificam com o grupo, como: ideais, idioma, cor da pele e nacionalidade. Logo, nossa identidade está ligada a questões culturais, vivências, atitudes ou hábitos.

“Quando nos questionamos a respeito do que somos ou do que fazemos, buscamos relembrar fatos que tenham ocorrido em nossa história e que tenham deixado marcas tão fortes que possam servir de referencial para o que hoje somos” (BORGES, 2013).

Hall chama esses códigos de culturas nacionais, o que se aplica também às culturas regionais, contexto do nosso estudo, a partir das quais construímos nossa identidade, pois nos dão o sentimento de pertencimento. Essas narrativas culturais nos “fornecem uma série de histórias, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação” (HALL, 2006, p. 56).

Encontro na obra de Marinês esse sentimento de pertencimento nordestino, pois ela está imersa nesse universo de tradições locais e da cultura ligada à região Nordeste. Vejo em seu repertório a minha própria história, o que me traz também o sentimento de continuidade. Esta identidade foi sendo construída através da memória vivenciada dentro do meu lar com os meus familiares, quando o meu pai me permitia o contato com a obra da cantora Marinês.

A partir da adolescência, eu passei a desenvolver, de forma efetiva, uma relação com a sua música, cantando-a em público. Assim, além da lembrança individual eu comecei a vivenciar também uma lembrança coletiva. Viver em grupo é partilhar experiências e manter diálogos sobre os acontecimentos vividos dentro do mesmo. Entende-se que algum acontecimento vivido por alguém, que se fecha numa compreensão sem partilhas, é o que diferencia memória individual da memória coletiva.

### 3 REPERTÓRIO DO RECITAL

A escolha desse repertório foi significativa para mim, pois diante da quantidade de obras e gêneros (baião, xote, arrasta-pé, forró, xaxado, entre outros) interpretados por Marinês, selecionar e reunir algumas para esse recital não foi uma tarefa fácil. Foi necessário também examinar com cuidado o meu repertório, no qual, várias dessas obras estão inseridas e tiveram influência na minha formação como intérprete.

Cresci no Sertão pernambucano e minhas raízes estão fincadas no solo sertanejo. Minha identificação com a obra de Marinês pode ser encontrada nas letras, nos temas abordados, que trazem “elementos naturais, econômicos, culturais e sociais ligados à nossa região” (SILVA, 2009). As canções por ela defendidas trazem nas letras as alegrias das festas e também as agruras por falta das chuvas. Segundo Hall (2006, p. 11), “A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ entre o mundo pessoal e o mundo público”. Nós nos prendemos a essa estrutura, nos tornamos parte dela, mas também, assimilando seus significados, eles se tornam parte de nós.

### **Eu chego lá (gênero baião)**

Essa música foi retirada do álbum “Marinês”(CBS – 1967), composta por Abel Silva e João do Vale. Como diz um trecho da letra, “Ê, meu irmão eu vim aqui só para dizer que ninguém vai poder nessa vida vencer sem lutar”, eu aprendi desde a infância que para se construir algo e chegar a algum lugar é preciso lutar. Marinês, a exemplo de Luiz Gonzaga, também era, sem sombra de dúvidas, porta voz da história de um povo com esse espírito de luta, coragem e fé. Me identifico e me emociono com essa música, motivo pelo qual a mantenho no meu repertório.

### **Sou o Estopim (gênero xote)**

Essa música faz parte do álbum “Nordeste Valente” (CBS – 1976), composta por Antônio Barros. Essa música relata uma paixão tórrida entre um casal. Desta forma, cito dois trechos da música: “Capim seco pega fogo se o fogo der no capim” e “Sei que será um estouro se você tocar em mim”. Nas duas frases citadas, o compositor usa uma linguagem de duplo sentido, não evidenciando de imediato a intenção expressada. Nesse sentido, a música de Marinês trazia a irreverência sutil, revelando ousadia, porém sem chocar com os moldes conservadores da época. Essa música faz parte do meu repertório desde o início de minha carreira.

### **Meu Cariri (gênero baião)**

Composta por Dilú Mello e Rosil Cavalcante, do álbum “Só pra machucar”. A música foi gravada por Marinês no ano de 1973, pela gravadora CBS. Eu escolhi essa música porque o texto fala de um povo que, apesar de todas as agruras vividas pela falta de chuva, mantém a coragem e a fé, como podemos perceber no próprio texto, quando diz: “Se meu Deus der um jeito de chover todo ano, se acaba o desengano”. Esta música tem uma relevância significativa para mim, pois foi através dela que fui apresentada ao trabalho da artista, sendo uma música que cantei em minha estreia como cantora de forró, desde então, é parte integrante do meu repertório.

### **Peba na Pimenta (gênero baião)**

Essa música está no álbum “Vamos Xaxar”(Sinter – 1957) e seus compositores são João do Vale, Adelino Rivera e José Batista. Na época, a música fez enorme sucesso. No entanto, a censura a considerou imprópria por ter expressões de duplo sentido para a época, o que chocava a sociedade conservadora. Por esse motivo, a igreja proibiu os fiéis de

comprarem esse disco da cantora. Eu, apesar de gostar muito da música, só a inseri no meu repertório a partir de 2007, com o intuito de mostrar que se pode ousar numa obra sem com isso interferir ou chocar a moral da família.

### **Marinheiro (arrasta-pé)**

Do álbum “O Nordeste e seu ritmo”(RCA Victor –1961). A canção foi composta por Onildo Almeida, inspirado em uma cantiga folclórica. Em entrevista que fiz com o cantor e compositor Onildo Almeida, autor de diversas obras gravadas por Marinês, indaguei sobre a música Marinheiro, uma modinha que eu sempre gostei de cantar. Ainda, eu perguntei sobre o que o havia inspirado e ele falou que seu pai, dono de uma fazenda de café, sempre fazia festas, na época da colheita, que eram regadas aos comes e bebes e muita música. Assim, as apanhadeiras cantavam modinhas, entre elas estava “Marinheiro”. Ele se encantou, criou estrofes em ritmo de brincadeira, lapidou a modinha que se tornou uma música de sucesso na voz de Marinês. Onildo ainda acrescentou que a música Marinheiro ficou onze anos nas paradas de sucesso e que isso nunca tinha acontecido antes, nem mesmo com Luiz Gonzaga, de uma música ficar tanto tempo em evidência. Por fim, o compositor assume a autoria, porém não tira o crédito das apanhadeiras de café.

### **Assim nasceu o xaxado (gênero xaxado)**

A música foi composta pelos autores Onildo Almeida e Agripino Aroeira e Marinês gravou no ano de 1967, pela CBS. A música sempre me chamou a atenção por retratar a minha terra. O compositor presenteia Marinês com essa obra, que fala exatamente onde nasceu o xaxado (MARCELO E RODRIGUES, 2012. p. 53), além do que os elementos usados para a letra da composição remetem à minha infância no Sertão, por isso a música esteve sempre inserida no meu repertório.

### **Pedaço de chão (gênero forró)**

Obra de minha autoria, gravação independente em 2001, no estúdio Som Max, Recife PE, com participação especial de Marinês. Um dos trechos da música, “O lavrador sertanejo, homem valente guerreiro e de determinação, espera com veemência e a Deus pede clemência pro seu querido sertão”, deixa bem claro a influência que o trabalho de Marinês exerce sobre o meu, por falar dos mesmos temas, com a mesma identificação, o mesmo sentimento. Ao final da gravação, ouve-se a própria Marinês declarando: “Renilda, você agora é minha gente! Gonzagão e Gonzaguinha estão contentes lá no céu, por você ser a nossa

continuação! ”. O que para mim demonstra não só a sua influência sobre o meu trabalho, mastambém o reconhecimento da própria artista desta identificação.

#### 4 DISCUSSÃO E ANÁLISE

Eu me identifico com as canções citadas nesse trabalho. Suas letras evocam minhas memórias, minha terra, minha gente, minha história, meu contexto familiar e social. Essa memória, por mais pessoal que seja, segundo Halbwachs, ela é construída socialmente. Não vivemos isolados. Nos organizamos em sociedades, criamos vínculos, memórias comuns, memória coletiva. O autor expressa que as memórias coletivas começam a ser construídas com nitidez desde o início da vida, já que o indivíduo nasce num grupo, o grupo familiar que o recebe, e desde então há um convívio entre eles que se estreita a cada vivência. Sendo assim, há sempre os depoimentos dos parentes, vizinhos e amigos num processo de recordação, o que faz com que as lembranças se tornem presentes no momento necessário.

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Meu contato com a obra de Marinês, desde a infância fica claro no depoimento de minha irmã Regivalda Galvão, quando eu ainda ensaiava os primeiros passos na arte de cantar:

“Lembro que Renilda, nossa pixotinha, pedia pra nosso pai botar o disco de Marinês pra tocar. Ela segurava a capa e ficava olhando e cantando. Lembro também que eram muitos discos, mas ela só queria ouvir o de Marinês. Muitas vezes ela amanhecia dizendo que sonhou que tinha cantado com Marinês... a gente ficava dizendo que ela ‘tava’ ficando doida”. (Entrevista concedida em 16/10/2018)

A forma como tive contato com a obra de Marinês me encantou, principalmente pelo seu jeito peculiar de representar o seu povo através de suas canções. Sua “nordestinidade” era sua bandeira de luta, era assim que eu a via, uma mulher nordestina e valente. Sua voz, sua indumentária, sua alegria, sua interatividade com o público me fazia ter cada vez mais a certeza de querer também ser porta voz dessa cultura. Por ser tão nordestina quanto ela, me identifiquei de imediato com sua obra. Mais na frente, ao ter contato direto com a mesma e fazermos alguns trabalhos em parceria, me fez ter convicção do quanto me identificava com a sua obra.

FIGURA 2 - Marinês em show



Fonte: [www.blogs.ne.uol.com.br](http://www.blogs.ne.uol.com.br)

A influência que Marinês exerceu sobre mim foi decisiva para que eu escolhesse o gênero musical principal que conduziria meu trabalho. Uma das primeiras músicas que eu interpretei da artista foi “Meu Cariri”, do compositor Rosil Cavalcante. A letra me chamou a atenção por retratar acontecimentos da nossa terra, os quais eu vivenciava.

Cantar sobre as tradições e outros aspectos regionais, ajudando a construir a representação do Nordeste, é uma marca do trabalho de Marinês. “Ela foi uma das primeiras cantoras a assumir a ‘nordestinidade’, representada pelo chapéu e a jaqueta de couro, o triângulo e a dança regional, cantando as dores e os amores do povo da região” (SILVA, 2009, p. 15).

Também me encantava a sua interpretação peculiar, que sempre considerei uma característica muito específica dela. A meu ver, ela era uma artista completa, além de cantar e tocar triângulo, ela dançava com desenvoltura os ritmos que cantava: Baião, xote, forró e também o xaxado e, por este último, recebeu do próprio Luiz Gonzaga o título de “Rainha do Xaxado” (MARCELO; RODRIGUES, 2012, p. 54).

Quando Luiz Gonzaga a intitulou “Rainha do Xaxado”, não se deu conta que a partir desse título ela se tornava também, assim como ele, responsável pela cultura nordestina no cenário Nacional, o movimento migratório do povo nordestino em direção ao sul do país, fugindo da seca que sempre os castigou, buscavam trabalho fora de sua terra natal. “Marinês é um exemplo e divulgava muito o xaxado como sendo do Nordeste, seja através de

indumentárias, da dança ou no discurso, fazendo com que essa prática cultural fosse cada vez mais conhecida em outras regiões do país” (SILVA, 2009, p. 90).

Marinês em suas canções chamava a atenção para os problemas, mas também mostrava o grande celeiro de diversidade cultural que era o Nordeste, com sua irreverente indumentária de cangaceiro, nada comum para a época, ela era a ‘nordestinidade’ em pessoa. O cantor e compositor Onildo Almeida confirma também, em entrevista a mim concedida: “Como intérprete ela foi única... no seu gênero ninguém superou Marinês”... (Entrevista em 25/09/2018).

Eu me deleitava com a afinada voz da artista Marinês que alimentava meu sonho de ser cantora. Já com minha carreira em andamento tive o privilégio de conhecê-la, de cantar com ela, ouvir dela e aprender. Temos muito em comum e seu trabalho foi e é fundamental na minha formação como mulher forrozeira. Confirmando essa influência na prática, a cantora e compositora caruaruense Riá Oliveira depõe:

"Vejo também que ela tem hábitos muito parecidos com os de Marinês, no seu estilo de apresentar-se, gosta de usar indumentárias também tipicamente regionais, mas o que torna essa influência mais visível ainda, é sua escolha de repertório o qual prioriza as letras que retratam a saga do sertanejo; suas obras tem o perfil de Marinês; algumas de suas letras falam sobre seu povo” (Entrevista concedida em 16/07/2019).

Marinês alcançou, ao longo de sua carreira exitosa, o reconhecimento do público e de seus colegas artistas que a descreviam como “uma coisa fantástica”, “a própria voz nordestina mesmo”, (RIBEIRO, 2005). Cabe aqui o depoimento de Gilberto Gil que, de maneira tão leve, descreveu o peso que Marinês tem no universo da cultura nordestina:

“A cantora Marinês é uma grande mãe nordestina, entre seus traços característicos estão a incomensurável força do corpo e a infinita beleza da alma. E tanto mais: a grande artista, com sua voz de precisa concisão, é a senhora de todos os ritmos; a sustança que verte dos seus pés passa pelo leve metal do triângulo, pelo couro da zabumba e pelo fole da sanfona, substanciada na matéria viva que plasma o baião, cuja história jamais poderia ser contada sem esse “Luiz Gonzaga de Saias” (RIBEIRO, 2005, p. 24).

Apesar do tema não fazer parte da discussão desta pesquisa, não poderia deixar de mencionar o impacto que Marinês causou na minha carreira como mulher. Tenho me espelhado na coragem e persistência dessa mulher guerreira que se projetou no cenário artístico nacional, num contexto no qual predominava a figura masculina. Para o cantor e compositor Belchior,

Marinês foi sempre causa e provocação de grande admiração porque estava femininamente posta no meio daqueles ícones masculinos da música popular nordestina. Então eu quero destacar este lado porque ela deu esse aspecto de graça, deu um toque de delicadeza, de gentileza, de poesia mesmo, que a mulher pode e

sabe dar a uma cultura fortemente vinculada a elementos de dureza. (RIBEIRO, 2005, orelha da capa).

Manter a tradição nordestina sob a influência de Marinês é manter também a memória e identidade dessa região, representada pelo forró pé-de-serra e seus principais ícones: Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Zé Dantas, Humberto Teixeira, Onildo Almeida e a própria Marinês. E porque não falar das festas, as bandeiras, fogueiras e instrumentos musicais indispensáveis para se fazer um bom forró: a sanfona, o triângulo e a zabumba? Para mim trata-se de um privilégio, uma missão. Na minha memória sempre ecoará sua voz, aliás, eternizada na gravação que fizemos juntas, já mencionada neste trabalho, e que define exatamente essa identificação que tenho com Marinês e com a cultura nordestina: “Renilda, você agora é minha gente! Gonzagão e Gonzaguinha estão contentes no céu porque você é nossa continuação!”

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste artigo, destaco a influência que Marinês foi, e continua sendo, na minha formação como cantora nordestina. Ouvir artistas como ela era, para mim, cada vez mais fascinante porque eu estava ali, personagem presente e real da história. Dadas essas vivências que muito marcaram minha infância e adolescência e posteriormente também minha fase adulta, esta pesquisa traz à tona não só essa artista que foi um ícone da música nordestina que tanto contribuiu para a nossa cultura, mas também investiga como se deu essa influência decisiva e direta na minha própria história, através dos conceitos de memória e identificação.

Influenciada por suas músicas, comecei também a compor letras inspiradas na minha própria experiência, pois cresci no sertão e na roça, como retrata a música ‘Pedaço de Chão’, que fala da fé e da esperança do homem do campo apesar da seca.

Diante dos fatos apurados nessa pesquisa, percebi o quão relevante foi a tarefa de pesquisar algo ou alguém da minha terra e sendo esse alguém uma personagem que tão bem representou nossa arte e nossa cultura. Foi também embalar-me numa viagem de reencontros com a minha própria história, nas lembranças do meu convívio familiar, como também no meu contato com a cantora Marinês.

Apesar do sonho de ser cantora ter sido individual, todas as minhas lembranças envolvem a minha família, o meu Nordeste e suas tradições culturais e, mais tarde, quando oconcretizei, conhecendoa Marinês pessoalmente. Diante disto, recordo hoje o que foi vivido com ela e mantive internalizadas essas lembranças no meu espírito e na minha memória.

## REFERÊNCIAS

ASSIM nasceu o xaxado. Intérprete: Marinês. Compositor: Onildo Almeida e Agripino Aroeira. *In: MARINÊS*. Intérprete: Marinês. Rio de Janeiro: CBS, 1967. 1 disco vinil, faixa 5 (2:57 min)

BORGES, C. D. **A memória coletiva e individual**. 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1/1440>. Acesso em: 10 jun. 2019.

EU Chego lá. Intérprete: Marinês. Compositor: Abel Silva e João do Vale *In: MARINÊS*. Intérprete: Marinês. Rio de Janeiro: CBS, 1967. 1 disco vinil, faixa 1 (2:14 min)

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2016.

LAKATOS, E. M., MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LARA, C. de B. Q. A importância da memória para a construção da identidade: o caso da Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição de Dourados/MS. *In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA*, 3., 2016, Coxim, MS. [**Anais**]. Tema: História e democracia: possibilidades do saber histórico. Disponível em: [https://www.encontro2016.ms.anpuh.org/resources/anais/47/1477593926\\_ARQUIVO\\_AIMP ORTANCIADAMEMORIAPARAACONSTRUCAODAI DENTIDADE.pdf](https://www.encontro2016.ms.anpuh.org/resources/anais/47/1477593926_ARQUIVO_AIMP ORTANCIADAMEMORIAPARAACONSTRUCAODAI DENTIDADE.pdf). Acesso em: 15 jul. 2018.

MARCELO, C; RODRIGUES, R. **O fole roncou!**: uma história do forró. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MARINHEIRO. Intérprete: Marinês. Compositor: Onildo Almeida. *In: O Nordeste e seu ritmo*. Intérprete: Marinês. Rio de Janeiro: RCA Vitor, 1961. 1 disco vinil, faixa 7 (3:19 min)

MEU Cariri. Intérprete: Marinês. Compositor: Dilú Mello e Rosil Cavalcante. *In: SÓ pra machucar*. Intérprete: Marinês. Rio de Janeiro: RCA Vitor, 1961. 1 disco vinil, faixa 8 (2:54 min)

PEBA na pimenta. Intérprete: Marinês. Compositor: João do Vale, Adelino Rivera e José Batista. *In: VAMOS xaxar*. Intérprete: Marinês. Rio de Janeiro: Sinter, 1957. 1 disco CD, faixa 7 (3:08 min).

PEDAÇO de chão. Intérprete: Renilda Cardoso. Compositor: Renilda Cardoso. *In: MACHUCADO do fole*. Intérprete: Renilda Cardoso. Caruaru: independente, 2001. 1 CD (4:29 min).

RIBEIRO, N. **Marinês canta a Paraíba**. João Pessoa: FIC Augusto dos Anjos, 2005.

SILVA, C. R. da. **Representações do feminino no forró do nordeste**. 2009. 168f. Dissertação. (Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade). Faculdade de Letras e Artes, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2009.

SOU o estopim. Intérprete: Marinês. Compositor: Antônio Barros. *In*: NORDESTE valente. Intérprete: Marinês. Rio de Janeiro: CBS, 1976. 1 disco vinil, faixa 5 (3:13 min)